



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

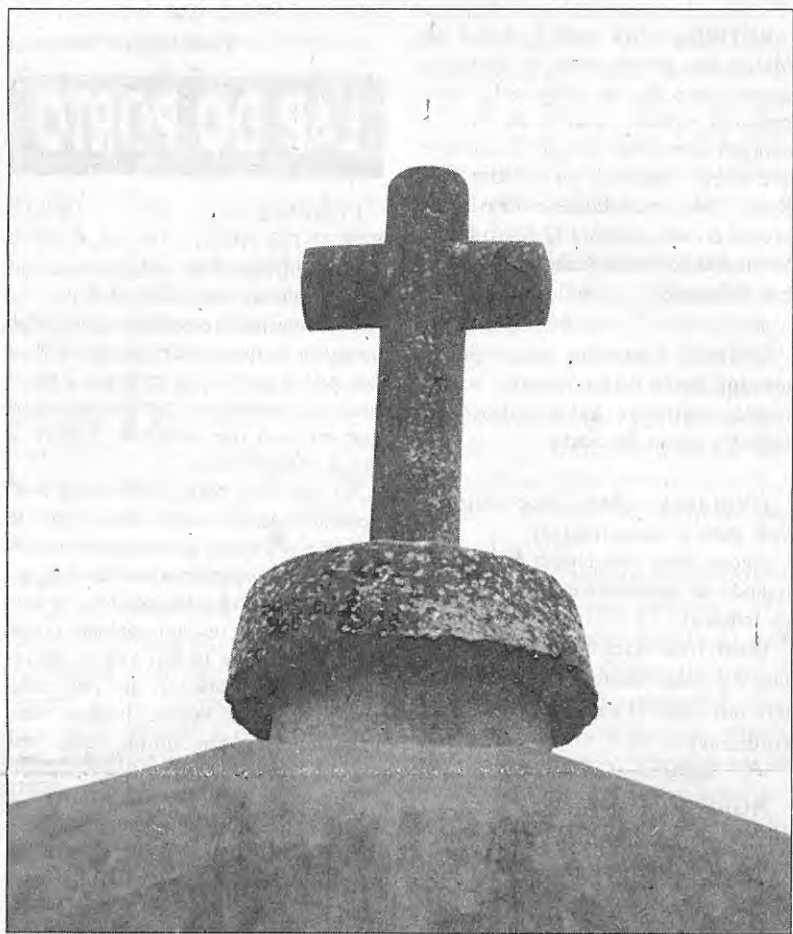
7 de Abril de 1990

Ano XLVII — Nº 1202 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



P Á S C O A

«... Vós, não tenhais medo; sei que procurais Jesus, o Crucificado. Não está aqui: ressuscitou, como tinha dito.» São palavras do Evangelho da festa da Páscoa.

Perante o anúncio da Ressurreição do Senhor, um sentimento deve dominar dentro de nós: alegria. A Páscoa convida-nos a esta disposição de espírito. Porquê? Estamos salvos. A morte que estava em nós pelo pecado foi vencida pela vida na Ressurreição. Mas foi mesmo? Poderemos estar alegres quando são tantas as dores e inquietações que nos rodeiam, nas quais vivemos mergulhados? Sim, podemos se a Páscoa for para cada um de nós como uma pedra no charco, desencadeando «ondas de Vida».

Não chegaremos a entender esta alegria se não percebermos que o que se não pede é um desprendimento muito grande de nós mesmos e uma fé muito sólida. Não devemos fechar os olhos à realidade, por mais sórdida e triste que ela seja. A alegria que devemos ter não se parece com uma espécie de embriaguez que nos impede de ver com clareza. A alegria pascal contém força para tudo olhar frente a frente, até a própria morte. Ela nasce da vida de Jesus ressuscitado.

Como é possível viver assim a Páscoa? Torna-se necessário esquecermo-nos de nós mesmos para nos colocarmos diante de Deus na atitude de pura disponibilidade. Busquemos o Senhor; Ele sabe muito bem o que há-de fazer.

Descendo ao concreto do nosso caso pessoal, não há outra maneira de começarmos a viver a nossa fé em Cristo Ressuscitado. Ele chama-nos a uma vocação de amor, a uma vocação de entrega da minha própria vida ao serviço dos irmãos.

A minha ressurreição pode começar aqui e agora, desde que eu aceite a vocação que me foi dada e não continue a viver fechado ou fechada num egoísmo estéril e prejudicial para mim e para os Outros. Hei-de abraçar a luz para viver a alegria da minha consciência em paz.

A luz da Páscoa não será mais para mim como uma espécie de calmante que ponho ao serviço do meu bem estar e do meu comodismo. Porque hei-de viver uma vida eterna de amor, em união com Cristo e os meus irmãos, os homens, é preciso que comece a viver, agora, esta união. Então a Ressurreição de Jesus Cristo impele-me a dar morte a todo o

egoísmo, em suas mil manifestações, para dia a dia ressuscitar com Ele. A Páscoa tem poder para mudar de rumo a minha vida.

Padre Manuel António

Na visita pastoral à cidade de Coimbra o Bispo diocesano tem encontrado e tem revelado situações de miséria habitacional em que muitos vivem. No bairro da Conchada ainda há umas cinquenta barracas sem condições mínimas de habitação e estão a acolher cerca de cinquenta crianças e muitas pessoas idosas e doentes. Na baixa da cidade há muitos vãos de telhado a servir de habitação a famílias numerosas. Há famílias a viver em compartimentos únicos, autênticos amontoados humanos. Há muitas casas degradadas a servir de berço e de cama e de mesa a muita gente.

Alguma população da cidade reagiu. As autoridades civis tomaram posição. O governador civil convocou algumas forças. A Câmara Municipal revelou ter planos. A Misericórdia pôs terreno à disposição

do-a à Matola e a Boane, para oeste e ao Chiango, para leste e para norte até à antiga aldeia — Casa do Gaiato — hoje ocupada pela polícia, ao Km 15.

Os caniços são mais higiénicos e menos degradados que os nossos bairros de lata.

Embora as casas tenham, em regra, uma única divisão, as pessoas reservaram um espaço mais largo, vedado com sebes verdejantes e floridas, onde se reúne a família, brincam os meninos e, às vezes, se cultiva uma pequena horta. Aqui e além crescem graciosas árvores de sombra.

Os caninheiros, as ruas, os largos, as bermas das estradas estão densas de gente durante todo o longo dia!...

Um extenso, largo e compacto cordão de homens, mulheres e crianças a andar, povoa os nossos olhos em todas as direcções.

Dir-se-ia um povo caminhante! As capolanas — panos multicolors enrolados à cintura — das mulheres com crianças às costas e os fatos garridos de todos, não fosse a tragédia humana subjacente, forneceriam, ao longe, cenas de sonho, dignas dos melhores filmes.

Diz-se que Maputo tem, hoje, um milhão e meio de habitantes. O cálculo é naturalmente impreciso! Mas é gente, gente e gente!...

Boa gente!... Portadora ainda, em larga percentagem, de um indecifrável atavismo, assustada pela guerra, massacrada pela fome, inibida pela segurança, desprotegida de medicinação e assistência médica e, até, de muitos caniços, religiosa; desprovida de hábitos e métodos rentáveis de trabalho; em larga escala, sem escolas nem professores e ainda desiludida de um sonho revolucionário; desembocada em tragédia para a multidão incontável dos pobres!... Profundamente ansiosa de paz!...

Dado o seu mais elevado nível instrutivo e económico, não cultural nem humano, muitos acesores, cooperantes, e até moçambicanos fazem sentir a sua necessidade de prazeres e divertimentos.

A cidade tem as suas boites e a prostituição é abundante e barata.

Os mercados pululam por toda a parte. Surgem a esmo. Onde houver um larguinho nas ruas, aí se amontoam crianças, mulheres e jovens vendendo cigarros, um cigarro; um punhado de pevides, frutas, bugigangas, etc.

A todas as esquinas os rapazinhos estendem a mão a pedir:—Oh patrão!... Dê-me alguma coisa que estou cheio de fome! A pedincha aos brancos é uma arte, um trabalho e, sobretudo, uma corrupção!... Mas

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

e ofereceu colaboração. Outros organismos disseram «presente».

Uma nuvem de esperança apareceu e muitos ficaram à espera que ela desça e faça produzir obras maravilhosas nos corações humanos. Todos de mãos dadas darão resposta urgente a todos aqueles que estão ansiosos à espera. De mãos fechadas e nos bolsos não se chega a fazer nada.

Há dias, à tarde, voltei ao bairro da Conchada, o antigo «bairro das latas» de que Pai Américo fala

tantas vezes. Ainda há barracas de lata. Encontrei muita gente conhecida, das Colónias de Férias daquele tempo. Que saudades daqueles dias bem passados! Falaram da visita do senhor Bispo. Sua esperança na remodelação do bairro. Da necessidade das obras no barracão da Misericórdia. Esperam.

Uma das mães, desanimada junto de sua pobre casinha, disse que «os que vivem em suas casas boas não querem saber dos Pobres que têm de viver em barracas». A queixa desta mãe é a queixa de muitos milhares de mães. Não terão elas razão?

A cidade de Coimbra e as outras cidades irão alindar-se substituindo suas barracas por casas decentes? Este é o grande desejo do Património dos Pobres.

Padre Horácio

PELAS CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

• A reportagem que os nossos olhos viram e o texto do redactor, apesar de não serem novidade para nós outros, confirmam a verdade sobre a desnutrição de crianças, seja em regiões do interior, seja nas mais desenvolvidas, sem desemprego.

Ali, carências tradicionais. Aqui, a complexa problemática do ganha-pão, da doença ou de males subjacentes ao progresso que gera assimetrias e, tantas vezes!, esquece os mais carenciados.

Ao longo dos anos, as mães pobres que ajudamos, quantos litros de leite foram buscar, pelo seu pé, aos estábulos dos lavradores!? Não têm conta nem medida, que as estatísticas são para quem as digere.

Ainda agora topámos aquela mulher jovem, cujo marido espera indemnização da seguradora. Não fossem os nossos leitores..., o filho de ambos teria curta vida — por falta do precioso alimento!

• O vicentino também é notícia! Estava nervoso porque *magoad* na sua missão sublime.

Escutámos o desabafo. «Por bem fazer, mal haver»...

Quem anda nesta vida sofre as consequências. E, muitas vezes, precisa de sacudir os sapatos e caminhar contra as intempéries. Custa! Pai Américo diria: — *É o sal...* Quicá o fermento da perseverança, na acção que se abraçou.

• É um solitário e seria um marginal. Já referimos a sua história. Daria uma obra literária..., que não é dos nossos atributos e vocação.

O homem ouviu bem o recado, oportunamente, e vem agora, pressuroso, cumprir a promessa: referências da família que mora no sul do País. Em caso de urgência (porque não o princípio do Fim...) como se poderia passar recado? Compreendeu. — *Aqui têm o telefone para chamarem a minha sobrinha* (do Ribatejo), *quando for preciso*.

É um pobre diferente dos mais! Aliás não há nenhum igual — como é próprio da Criação. Este, viveu e recebeu as

virtudes e defeitos do meio urbano onde nasceu, mas agora está bem inserido nesta localidade.

PARTILHA — «Uma portuense qualquer» com a migalha (1.000\$00) referente ao mês de Fevereiro. 2.500\$00, de Santa Cruz do Douro. Anónimo, de Ovar, o dobro «por uma intenção». Por intermédio do nosso Padre Luiz: dois contos, de Maria Luisa; vinte, de anónimo(a); e cinquenta, de Ernesto. O costume, do Fundão. Cinco contos, de Francisco, de Vila Nova de Gaia. Assinante 700 com 1.500\$00, «mas não precisam de agradecer».

Assinante 23063, de Chaves, 2.500\$00. Assinante 9708, de Coimbra, manda 1.600\$00 «para um casal de Pobres — em memória de meus Pais». Legenda riquíssima! A carta traz um pensamento de Claudel: «O que ama tem sempre razão». Natalina, de Mem Martins, com 2.500\$00 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus», acrescentando que «é muito pouco, para as muitas necessidades, mas dado com amor e desejo de enviar mais». Certo!

A partilha mensal de «uma assinante de Paço de Arcos» cuja presença se perde no tempo — tão cheia de Eternidade. Guimarães: assinante 21319 com quatro mil escudos para serem aplicados «como melhor entenderem». Quatro mil, do Furadouro. E, por fim, a remessa habitual da assinante 31104, sublinhando que «as palavras d'O GAIATO são para mim mais valiosas que tudo quanto posso enviar. Também sou necessitada e Deus sabe bem em quê».

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

MIRANDA DO CORVO

DESPORTO — Continuando a aproximar-se mais um torneio, vamo-nos preparando fisicamente e taticamente, para disputar os jogos, mas para isso é preciso muito sacrifício de todos para que a equipa esteja apta para obter os seus objectivos.

PEDIDO — Com os treinos o nosso material vai-se deteriorando. Por isso

relembramos que se houver alguém interessado em oferecer algumas coisas de que não necessite: sapatilhas, chuteiras desde o nº 35 ao 45, esféricos, fatos de treino, luvas de guarda-redes, etc.

CAMPO — Alguns dos nossos rapazes estiveram ocupados na plantação da batata.

Já semearam o olival, a vinha e algumas outras terras; Deus queira que a batata dê bom fruto e uma boa colheita, para a podermos saborear às refeições.

A nossa erva lameira está muito bonita; todos os dias alguns rapazes vão cortar uma valente carrada para dar às vacas.

Também se plantaram alguns centos de couves ao lado da tipografia.

CARAS NOVAS — Na passada semana acolhemos mais um irmão nosso, o Jorge Alexandre, filho dum dos nossos Rapazes.

Esperamos que entre bem na sua família.

OBRAS — O sr. António e o seu filho, mais o Tó, recomeçaram a arranjar a casa para dormitórios.

Esperamos que se complete depressa.

Ángelo

PAÇO DE SOUSA

VISITAS — Na última semana de Inverno recebemos duas excursões escolares de Castelo de Paiva. Ao domingo, há mais visitantes devido à chegada da estação mais bonita do ano (Primavera) e a nossa Aldeia torna-se mais bela. São as árvores do pomar que começam a rebentar, outras já com flor, os campos tornam-se mais verdinhos, todos trabalham com o cantar dos passarinhos. Como os dias são maiores, os mais pequenos ocupam a avenida com os carros de rolamentos.

Pedimos aos visitantes que tenham muito cuidado ao subir a avenida de automóvel!

ESCOLAS — O antigo edifício da tipografia está em funcionamento com a parte escolar que ocupa o 1.º andar. O rés-do-chão é aproveitado para outras coisas também importantes.

TIPOGRAFIA — No dia 17 de Março recebemos uma máquina de dobrar o jornal e, no dia seguinte, os técnicos começaram a montá-la. Ainda não está em funcionamento. Esperamos uma outra máquina, de cintar.

«Andorinha»

TOJAL

RETIRO — Nos dias 3, 4 e 5 de Março um grupo entre os catorze e dezoito anos fez um retiro para assim poderem reflectir sobre o seu «Eu» e também sobre Jesus Cristo. O sacerdote que esteve conosco foi o Padre João Rosa. Tanta amabilidade e alegria que brotou do seu coração! O retiro foi no Seminário de Nossa Senhora de Fátima, em Alfragide.

GADO — Uma das nossas porcas teve um fartão de leitões mas, infelizmente, morreram todos e desconhecemos a causa da morte.

OVELHAS — Mais um cordeirinho veio para o nosso mundo!

Agora, com este tempo primaveril, quando um aparece é uma alegria para os miúdos!

Quem trata deles é o Nuno e o Vitinho e gostam muito das ovelhinhas e têm um especial carinho pelos quatro cordeirinhos.

AGRICULTURA — Temos um terreno grande atrás da nova capela onde foram semeadas as favas. Também já fizemos os viveiros do cebolo. Nas laranjeiras ainda encontramos algumas laranjas; contudo, já começam a florir!

CARAS NOVAS — Nos meses de Janeiro e Fevereiro vieram três miúdos: dois irmãos do Alentejo, os «Elvas», e um outro, daqui perto, de Torres Vedras.

FUTEBOL — No passado dia 11 do mês anterior veio à nossa Casa um grupo de jovens do Bairro Branca Lucas, em Belém, almoçar e conviver! Após a celebração foi o almoço e depois o cafézinho. Eis o grande momento para pequenos e grandes!

Pelas 15 horas, no estádio dos «pitospuros», iniciámos o grande encontro. Golos e mais golos num total de 7. Mais uma vez a nossa equipa perdeu por 2-5.

Vamos lá ver quando é que isto muda!

Luís Miguel Fontes

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — O nosso dever como confrades é dar notícias de como correm nossas visitas aos Pobres.

Teríamos muito a pedir e a dizer. Mas eu agora só queria lembrar que a Páscoa está à porta e as crianças gostam muito de amêndoas e pão-de-ló e temos que ter com que comprar. Espero a vossa compreensão.

Eu, por mim, não gosto de falar sempre nas mesmas coisas com receio de aborrecer, porque já sei que os nossos amigos não esquecerão os mais desprotegidos e confiam em nós. As nossas dádivas, por vezes, ultrapassam o que recebemos, mas lá nos vamos arranjando, porque sabemos que não estão esquecidos dos vossos irmãos mais pequeninos, nestas alturas. Deus vos pague!

Donativos que recebemos: Maria Baptista, 10.000\$00; anónimo, de Rio Tinto, 500\$00; outro, com 2.000\$00; assinante 17222, 2.000\$00; de um amigo, P.E.F., 400\$00; Leonilde, da Holanda, 7.000\$00; anónimo, mil; Maria Etelvina, 2.000\$00; anónimo, 2.000\$00; assinante 17322, 500\$00; assinante 1295, 1.000\$00; assinante 30576, 5.000\$00.

Em nome dos nossos irmãos desfavorecidos, o nosso muito obrigado.

Cristiano

Tribuna de Coimbra

FESTAS — Agora estão as Festas a dominar muito da nossa vida. Todos falam. Todos espreitam. Todos desejam ser do número das Festas.

Neste domingo foi o primeiro ensaio dos mais velhos. Vieram alguns de longe. Vão ser números especiais. O programa vai ser especial. São os cinquenta anos. São os de há cinquenta anos em comunhão com os de agora. São revelações maravilhosas daquilo que a Obra é.

Por causa das Festas também eu já passei uma tarde toda no Porto. Um dia todo em Lisboa. Horas sem conta ao telefone. Dias e parte de noites a gemer.

Neste momento em que escrevo ainda não contactámos nenhuma das casas aonde são as Festas. Espera-

mos encontrá-las todas abertas. Nunca encontramos nenhuma fechada. A Obra da Rua tem poder para abrir todas as portas.

Os amigos mais inquietos estejam tranquilos. Já muitos nos têm perguntado, com certa aflição. É o seu dia de sair de casa. «É a Festa mais maravilhosa que nós temos.» São todas as coisas lindas que cada um sente e quer dizer dos nossos meninos.

Vamos prepará-los. Que mereçam ser as das «Bodas de Ouro». Serão quase todas no mês de Maio. Que cada um se vá preparando também.

Que todos tenham boas Festas de Páscoa.

Padre Horácio



Além do campo de futebol e jardim infantil, a bela avenida da nossa Aldeia, em Paço de Sousa, é poiso dos mais pequenos nas horas de recreio. Agora, que o tempo sorri, já montaram, algures, fabriquetas de bólides de madeira e descem a rampa com entusiasmo. Houve necessidade de pôr na berma do caminho um sinal de trânsito para os automobilistas que nos visitam... e se maravilham com as provas. Falta um repórter fotográfico!

Do que nós necessitamos

Desta vez a migalha foi maior. Estamos na Quaresma e devemos levá-la como preparação para a Páscoa, não pensando só em nós mas também nos outros. A redoma em que, por vezes, andamos metidos, não deixa ver o mundo real que nos cerca.

A mãe que ama muito os seus filhos, abre-lhes o coração para os demais. Ela sabe por onde passa a educação segura e verdadeira. Por isso, chora quando os vê agarrados ao dinheiro e afastarem-se dos caminhos de Deus. Ao fazer a oferta pensa na família e pede duas coisas: «Não agradeçam e destinem o cheque de 125.000\$00 conforme entenderem». Da Missão Católica de N. Sra. de Fátima, Alemanha, chegam votos de vivência verdadeiramente quaresmal e apostolado fecundo. Bem hajam. Nos 50 anos da Obra da Rua «resolvi dar 50.000\$00 como prenda de anos. Simplesmente não o posso fazer de uma só vez». Mais um testemunho que nos deixa comprometidos: «Acho que é sempre bom cada um autopenalizar-se quando tem a consciência de alguma falta. Assim se justifica o sistema de deixar a cada um dos assinantes liquidar quando e como quiser a sua assinatura. Como o ano passado fui relapso no dever, desta vez compenso. É sempre um jornal diferente e cheio de interesse para quem já está saturado de ler a outra comunicação social. O GAIATO é o oásis que dá a gota de água

aos que atravessam o deserto».

Do que nós necessitamos nesta coluna? «O pequeno montante que envio (e não agradeçam) é fruto de algumas renúncias, visto não ter ordenado. Se pudesse dar-vos o equivalente à Força que vou buscar na leitura dos vossos artigos nem os ordenados de um ano chegariam para vos ajudar». Que bom é ter Força e Alegria! Mais: costuma-se dizer que Deus dá a cruz a cada um conforme a sua própria força para a carregar; e tantas vezes nós esquecemos que o próprio Cristo a transportou sem um «ai!».

Bebemos da água viva que jorra de fora para dentro. Matai a sede, juntamente conosco, neste espaço que não nos pertence mas é de todos: «Que o amor consolidado pelo sacramento do Matrimónio seja sempre mais forte que todas as fraquezas, mais forte que todas as crises que, por vezes, se verificam nas nossas famílias».

As dádivas são generosas: duzentos, quinhentos, mil, cinco mil, dez mil, cinquenta ou cem mil. O que nos dá, porém, o sabor do dom é a mensagem que as acompanha. Necessitamos duma e doutras. «Para minorar o remorso crescente envio cheque junto. É uma gota envergonhada porque não faz parte daquilo que faz falta. Sem ser propriamente um sobejo, não chega a sacrifício pelo que peço perdão por tão pequena disponibilidade». A linguagem pode ser diferente. A dedicação é a mesma: «Com estes 203.000\$00 venho cumprindo o que prometemos no princípio do ano». Mais este testemunho: «Se a partir de hoje não puder fazer mais nada pela Obra da Rua, fica-me a consolação de ter sido eu a escolhida por Pai Américo para difundir a sua Obra na minha terra e a tornar conhecida por todos». Que oferta mais preciosa à Obra da Rua do que torná-la conhecida e amada? É um amigo que não se contém; manda 100.000\$00 e dá graças ao amor de Deus pelas maravilhas que está continuamente a realizar. Que mais podemos desejar?

O grupo das senhoras do Candal dá 100.000\$00, como só elas o sabem fazer, «para a nossa querida Obra». Não param. Só querem ter saúde para poderem continuar a trabalhar. Mais uma nota delicada: «Junto um cheque de cem mil, pedindo o maior sigilo e que não acusem a recepção».

Foram 35 anos de casados. Se nem tudo foram rosas, sempre se tiveram um ao outro para se ajudarem nos momentos difíceis. Foram 35 anos felizes, não pela riqueza, embora também mais que o suficiente, mas pela fidelidade de um ao outro. Este casal partilha conosco a celebração do acontecimento: «Hoje vai um cheque de 35.000\$00, em gratidão a Deus por estes 35 anos. Não nos agradeça, pois como

já uma vez disse, agora sois também da nossa família».

A actualidade desta coluna está no bem posto em comum. Os que dão, partilham com todos os que, por sua vez, necessitam mais do que dão. O pouco se faz muito: «Uma pequenina ajuda para a casa daquela família de oito filhos e uma deficiente. Sei que é muito pouco... Tenho 65 anos... Vivo da reforma do meu marido (que é muito pequena)... Não posso mandar mais porque na minha terra houve grandes inundações e todos nós cristãos temos que ajudar...» Na simplicidade da oferta esconde-se a grandeza de quem dá. Cinco mil, «com as desculpas de ser pouco».

A bondade tem mais força que a maldade. Porquê dar tanta importância a esta (é ver o que se diz nos meios de comunicação social) e tão pouco espaço àquela? «Querida, contudo, informar que, dentre as vossas múltiplas actividades, há duas para as quais estaria disposto a ajudar na resolução de casos concretos: A Obra do Calvário e do Património dos Pobres (problemas de habitação).» Que dizer deste padre amigo? Tanto esforço para ser pobre! É que

ele não entende a vida sacerdotal por outro caminho. Necessitamos destes testemunhos e de muitos mais: «Um abraço bem fraterno para toda a nossa Casa e o desejo de que o Amor seja o Oleiro que nos molda e nos faz de novo. Gostaria de fazer a assinatura d'O GAIATO. Faço seguir o montante, via carta. Por agora encontro-me a curar uma tuberculose que me pôs em comunhão com tantos homens e mulheres que sofrem. Deus sempre nos quer dizer alguma coisa através do sofrimento... Reze para que eu seja capaz de O ouvir no meio desta etapa. Unida a vós na certeza de que o Senhor fecunda o coração de todos os amantes do Homem Novo e, irmanados nesta certeza, possamos ressuscitar». É uma mensagem de Páscoa, simples porque vivida. Mais doutrina, mais riqueza: «Recebi da Segurança Social um subsídio do funeral de minha esposa e não encontrei melhor aplicação que não seja pô-lo a render nas vossas mãos. E, para argamassar o preço da morte que é a Vida Eterna com a comunhão do marido que, vivo, vai caminhando ao seu encontro, junto mais a importância de 50.000\$00». Eis a maravilha: O natural e o divino que se fundem no humano.

Mais o pessoal da Casa Rocha, do Porto, que, todos os anos, visita a Casa do Gaiato. Deixou o cheque de 45.000\$00 e pacotes. Bem hajam os construtores desta coluna.

Padre Mannel António

NOVOS ASSINANTES

A expansão d' O GAIATO continua em maré alta, graças a Deus.

Muitos novos assinantes pedem a inscrição directamente: «Emprestaram-me O GAIATO. Gostei. Peço que me inscrevam como assinante». Presença de S. Romão (Seia).

A *procição* continua a percorrer os lares das famílias dos nossos leitores. Seja passagem de testemunho ou motivação dos mais jovens: «Gostava que as minhas filhas (ambas professoras do Ensino Secundário) fossem assinantes d'O GAIATO».

Loulé: «Com a morte dos meus pais deixei de ter contacto com a Obra da Rua. Em Lourenço Marques, lia sempre o pequenino 'grande' Jornal de que tanto gosto, mas numas férias, em Lisboa, estive com uma pessoa que o tinha, fiquei satisfeita e aqui estou a pedir que me façam assinante».

Poderíamos citar outras notícias sobre o Fogo que alumia as famílias dos nossos leitores. Basta só mais esta, de Moçâmedes: «Venho anunciar que desejo deixar aos meus filhos... (pois estou quase no fim da caminhada) o nosso O GAIATO, como recordação».

Agora, passa um jovem, de Vila Nova de Gaia, cuja luz não pode ficar debaixo do alqueire: «Espero que a paz e a alegria de Deus morem na vossa Casa. Sou um jovem que tem lido O GAIATO. Sinceramente, aprecio-o muito. Desejo contribuir para qualquer coisa que achem mais necessário. Espero que esta minha contribuição não se fique só por este tempo. Quero também passar a ser assinante d' O GAIATO. Ficaria envergonhado se me agradecessem. No entanto, para saber se chegou tudo às

vossas mãos, poderão inscrever no jornal as minhas iniciais: J.M.R.C.».

Os nossos Amigos continuam a anunciar o Famoso nos locais de trabalho. Como acontece em Mirandela, de que nos dão notícias: «Tive a felicidade — lamento não ter sido há mais tempo — de tomar conhecimento d'O GAIATO no meu trabalho. Pedi à minha colega que me deixasse levar para casa, para o ler. Fiquei encantada! Solicito a sua remessa».

Os leitores avulso reconhecem a garantia da recepção do Famoso em suas casas, quando não topam, na rua, os pequeninos distribuidores. Ora leiam: «A todos os colaboradores na feitura d'O GAIATO, a minha saudação muito amiga. Há já algum tempo que adquire o jornalito pelos rapazes que o distribuem em Coimbra. Desde que li o primeiro, com muito interesse, fiquei cativado. Porém, tenho um contratempo: nem sempre consigo topá-lo, pois sendo estudante, em Coimbra, venho mais cedo ao fim-de-semana e ele é distribuído à sexta-feira. Assim, venho pedir o seu envio regular, pelo correio».

Fechamos o apontamento, d'hoje, com esta carta que nos lembra a acção de Pai Américo nos estabelecimentos prisionais e o fez avançar para a concretização da Obra da Rua: «Encontrando-me detido... solicito o especial favor de me enviarem O GAIATO para atenuar a minha solidão, uma vez que gosto imenso de o ler e aqui é raro ver esse jornal. Em Abril próximo, quando for de saída prolongada, passarei por aí para contribuir com aquilo que me for possível».

Júlio Mendes

DOCTRINA



...e todos caem, magoados, no regaço da gente pobre.

• Eu podia falar já, para espanto de toda a gente, desta chuva a cair do alto, certa e abundante, em discretos e generosos «tome lá e aqui tem». É nos eléctricos, nas ruas, nas lojas, nas igrejas, nas repartições; é pelo correio, pela camioneta, pelo comboio, por mão própria; é por cheque, por vale, por registo; é de gente que eu nunca vi; doutros, finalmente, que conheço mas não sei onde moram — chuva de migalhas, serras de pão. Tão copiosa e tão variada que, se eu fosse a dizer tudo, não havia espaço no mundo onde os livros coubessem nem olhos que pudessem ler!

• Trago comigo, na algibeira, um saquito de cabedal muito reles, muito sujo e muito coçado. Logo de manhã cedo, enquanto Coimbra preguiça, começa ele a distribuir pelo limpador das ruas, pelo garoto do lixo, pela velhinha dos papéis. Espera, nas horas do dia, os que chegam mais tarde à lida e vai-se despejando, aos nadinhas, no ardina do jornal, no moço de fretes, na mulher da sardinha que leva o pequenino ao colo, na que vem do rio com outro pela mão, no trabalhador de armazém, de família numerosa. Entra, a seguir, na toca do pobre, sobe ao andar do doente, pesa carne nos talhos, paga sopa nas pensões, pão nas padarias, merca tremoços na Ponte e faz trinta por uma linha no giro das oito horas.

• Pois muito bem; quando, à noite, regressa a casa, o saquito muito reles, muito sujo e muito coçado (coisa assombrosa e verdadeira!) vem precisamente como safu de manhã: cheio! São assim as Obras de Deus. Quanto menos importância nos dermos a nós mesmos e ainda menos no-la derem os outros, mais e melhor realiza Ele, por nós, a Sua Obra no mundo. Não é a mim, nem por minha causa, tampouco por meu amor, esta porfia no dar. Eu não sou Comissão, nem Campanha de Inverno, nem Abaixo-assinado — nada, ninguém. Passo simplesmente à tua porta, em silêncio, trazendo debaixo da capa os casos do dia e o estigma deles no coração; e mais nada. O resto é Obra de Deus.

• Se tens devoção de mimosar um pequenino órfão, um velhinho sem ninguém, uma viúva doente, um rapaz desenganado, podes fazê-lo por meu intermédio. Manda bem. Dá bem, que o valor da esmola não se tira do quanto, mas sim do como. Esconde-te da mão esquerda, muito agachadinho, não vá ela bisbilhotar — ela, a mais traiçoeira, porque mais perto do coração! A esmola assim escondida é sacramento de que tu mesmo és ministro da matéria, da forma e da intenção. Que os mais publiquem nomes e listas; a Sopa segue a lição do in abscondito — luz do Evangelho onde o Pai Celeste vê tudo.

O. Amén. 5!

(Do livro Pão dos Pobres — 2º vol.)

Livros de PAI AMÉRICO

Pão dos Pobres (4 volumes; o 2.º, esgotado); **Obra da Rua; Isto é a Casa do Gaiato** (2 volumes); **Barredo; Ovo de Colombo; Viagens; Doutrina** (3 volumes); **Cantinho dos Rapazes; Notas da Quinzena; De como eu fui...; Correspondência dos Leitores.**

DOUTROS AUTORES: Subsídios para o Estudo do Pensamento Pedagógico do Padre Américo, Dr. João Evangelista Loureiro; Calvário, Padre Baptista (esgotado); A Porta Aberta, Pedagogia do Padre Américo — Métodos e Vida, Dr.ª Maria Palmira de Moraes Pinto Duarte; O Lodo e as Estrelas, Padre Telmo Ferraz.

★

Teremos, brevemente, novas edições dos livros Calvário e o 2º volume Pão dos Pobres. Seria conveniente os interessados renovarem pedidos para os atendermos oportunamente.

Convenção Internacional dos Direitos da Criança

Assentemos uma vez mais que Declaração de Direitos, Convenção Internacional, Organizações estatais e não governamentais que visam a Criança, são motivadas por aquelas cuja família não existe ou não funciona; e por isso os cuidados a que têm direito, caem sobre a comunidade que se obriga a reflecti-los e a assumi-los. Portanto se a raiz do mal está na família, se é ela a entidade doente e fonte de doença, que o remédio se dirija em primeiro lugar ao saneamento moral e material da Instituição familiar. Eliminada a causa, desapareceria o efeito. Isto me faz pensar na oportunidade e lógica também de uma Declaração dos Direitos da Família, de uma Convenção Internacional que pressionasse Estados e Nações a colocar no primeiro plano das suas preocupações uma política de Família a sério.

Não que não haja, internacionalmente, uma certa inquietação a este respeito. O que se não vê é prevalência dada a esta pista de acção sobre tantas outras que polarizam a atenção dos responsáveis pela coisa pública.

Por isso que, tantas vezes, a família não é ou não funciona, a Convenção afirma em seu art.º 20º: «É obrigação do Estado proporcionar especial atenção às Crianças privadas do seu ambiente familiar e assegurar o cuidado apropriado de uma família substituta ou entidade de acolhimento, respeitando na educação da Criança a sua origem étnica, religiosa, cultural e linguística».

De notar o reconhecimento de que o remédio para os distúrbios consequentes à privação da família natural é a reconstituição de um ambiente familiar; e daí que as próprias «entidades de acolhimento» devam organizar-se e funcionar conformes ao modelo da Família.

Tal é o caso da adopção, prevista e prevenida no art.º 21º: «O Estado facilitará a adopção autorizada, após estudo realizado da situação jurídica, sempre e quando isto seja em função do interesse prioritário da Criança».

A adopção em outro país se fará excepcionalmente e através de autoridades e organismos competentes, garantindo protecção legal igual à de seu país de origem, não permitindo benefícios financeiros indevidos».

Prevenida, digo, porque — certamente fruto da experiência havida — o texto da Convenção denuncia alguma reserva relativamente a este tipo de resposta à «criança privada do seu ambiente familiar». Abre a porta mas não escancara. Com efeito, a adopção depende da autorização, «após estudo realizado da situação jurídica, como é óbvio; e — e aqui devemos ler as linhas e as entre-linhas — «sempre e quando isto seja em função do interesse prioritário da criança».

Na verdade a adopção pode ser uma muito válida solução para uma criança privada de família natural. Mas não deve prescindir da prova de intenções e de preparação dos adoptantes, que a acautele. O que está em causa, aqui e sempre, é «o interesse prioritário da criança».

E logo se segue outra reserva: o carácter excepcional da adopção em outros países, aliás em consonância com o respeito, preceituado no art.º 20º, à «origem étnica, religiosa,

cultural e linguística» da criança. Também é óbvio que uma adopção em país estrangeiro torna mais difícil a consumação deste respeito a observar na educação da criança. Portanto, preferível — e regra deve ser — a adopção no próprio país, verificada a recta intenção dos adoptantes e a esclarecida preparação para a responsabilidade moral e legal que vão assumir; mesmo em desvantagem de nível de vida relativamente ao que poderiam oferecer adoptantes estrangeiros. Que o homem não é um ser exclusivamente económico, nem o interesse prioritário da criança é, sobretudo, dessa natureza.

Julgo que era assim que Pai Américo pensava ao privilegiar o auxílio a mães viúvas, dignas e capazes de educar seus filhos, sobre o recebê-los na sua Obra, mesmo sabendo que elas não poderiam dar-lhes o nível e as saídas para a vida que eles teriam aqui. No caso, a família existia e funcionava, garantida pela mãe digna e capaz. Só lhe faltava o pão... Pois dava-se-lhe o pão; e resistia-se à tentação de um «óptimo», de índole económica, «inimigo do bom», de natureza afectiva, que era a família permanecer unida.

E penso que a adopção é um respeitável caminho a desbravar. Mas exige ainda um persistente esforço de educação para a mentalidade correcta, da parte dos adoptantes e de quem depende a autorização. Princípio?... — sempre o mesmo: «prioritário é o interesse da criança».

Decerto não será por pura abstracção que o art.º 21º termina com o seguinte: «não permitindo (a adopção em outro país) benefícios

financeiros indevidos». Os redactores do texto não ignoram que é fraca a carne do homem e como as emanações de Mamona, o deus-Dinheiro, penetram subtilmente em seus pensamentos e actos, mesmo os nascidos de boas intenções. «Delas, está o inferno cheio!», diz a voz do Povo. E Pai Américo disse assim: «Às vezes, confunde-se consciência com estômago... e então é uma desgraça!» É o que vem acontecendo na adopção-mercadoria-fonte de divisas. Por isso a Convenção tem o cuidado de expressar no seu art.º 35º: «É obrigação do Estado tomar todas as medidas necessárias para prevenir o sequestro, o tráfico e a troca de crianças, para qualquer fim ou sob qualquer argumento». Como, de algum modo, já tinha expresso no art.º 11º: «É obrigação do Estado adoptar medidas para lutar contra transferências e para que não se mantenha ilícitamente a criança em outro país, seja por um dos pais, seja por outra pessoa». E insiste, em forma mais genérica e no escrupulo de alguma omissão, no art.º 36º: «É direito da criança receber protecção contra todas as outras formas de exploração não mencionadas nos artigos acima».

Sim, não serão fruto de pura abstracção estas variações sobre um mesmo tema. Antes sugerem o conhecimento de uma realidade: o risco de se usar a criança como objecto ao serviço de interesses estranhos, sob a aparência de se procurar o seu bem.

E também significam a vontade firme que da Convenção se infere, de que se evite máximamente o desenraizamento das crianças.

Padre Carlos

África

Cont. da página 1

a única maneira de sobreviver!...

Bandos de rapazes organizados, vivem da pilhagem, da esmola, de serviços ocasionais ou de estratégias parecidas.

Fomos encontrar um grupo de 40 a 70, dos oito aos dezasseis anos, acolhidos à sombra de uma comunidade religiosa. No pátio da casa fazem a comida, com lenha, em panelas de ferro, de três pés. Ali se encontram e recebem o carinho de uma freira e ali dormem!...na rua... oferecendo ao noctívago um espectáculo de estarrecer.

Contaram-me. Tinha-os visitado de dia, mas não me atrevia a acreditar!...

Uma noite, altas horas, pedi que me levassem lá. Era verdade!... O incrível estava diante dos meus olhos!...

Os rapazes, amontoados, cobertos com umas mantas, dormiam colados ao chão!...

Comovi-me, até às lágrimas. Jurei trazer para aqui a minha e a sua dor e decidi-me a fazer todos os sacrifícios, a passar todos os trabalhos, dificuldades e privações para que uma Aldeia de Rapazes, uma Casa do Gaiato nascesse, novamente, em terras moçambicanas. Sessenta por cento da população

tem menos de 15 anos. Em todos os aspectos, Moçambique é uma nação jovem!

As crianças irrompem de toda a parte em multidões!...

É tanta criança! Tanta criança! Tanta criança!

A vastidão do mundo infantil atinge tal grandeza que se torna indescritível!

Crianças lindas a irradiar ternura, em corpos frágeis e olhar arrebatador!

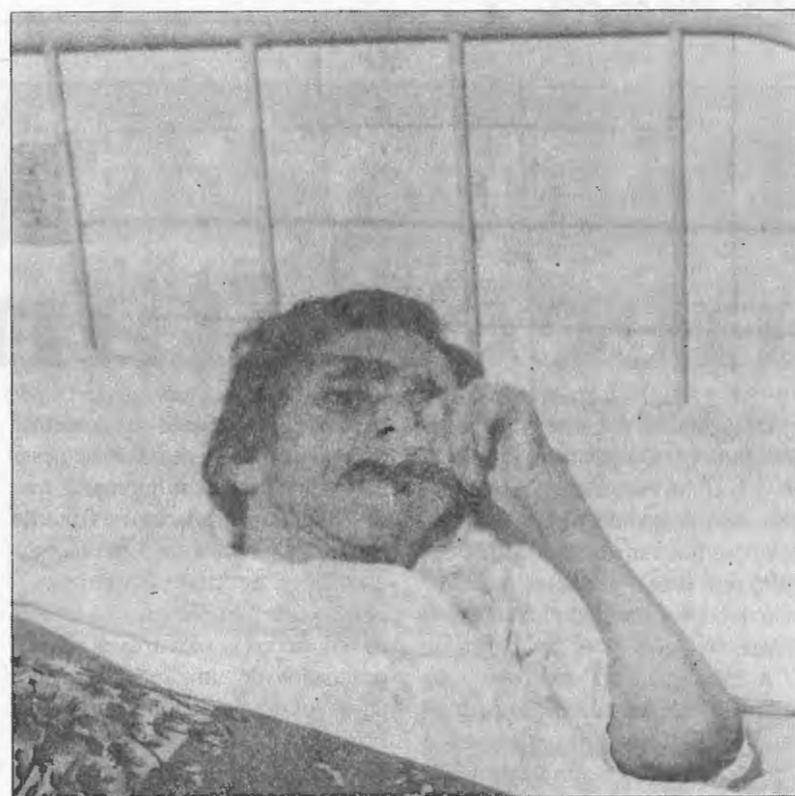
Num final de tarde lânguida e mole contemplei dois miúdos a dividir uma embalagem de ovos, suja de um partido e a mastigar sôfregamente o papelão!...

Estremeci repentina e inconscientemente... e... dei comigo a olhar para a grandeza de um ideal de «padre da rua» ou mãe de família, numa Casa do Gaiato.

Padre Acílio

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



CALVÁRIO — Por dinheiro nenhum do mundo era possível o cuidado diário e permanente que os doentes do Calvário exigem, especialmente os mais anormais e repelentes. O Senhor está presente aos Pobres onde quer que eles se encontrem e chama a Si o cuidado deles, servindo-Se tantas vezes dos mais fracos para confundir os mais fortes e poderosos.

PARTILHANDO

Papá Casso é o chefe da equipa; Helena, a responsável da liturgia; Sandra, do canto; Sérgio traduz as leituras e a homilia. Uma verdadeira «comunidade de base»!

A capela é muito simples e acolhedora: nos bancos da direita, os homens; nos da esquerda, as mulheres e meninas. Ao lado do altar, sentadas no chão, oito velhinhas — anjos de Deus nesta Igreja que ora e sofre.

Frei Basílio apresentou-me à comunidade e acrescentou que estava em nome da nossa Obra — das crianças abandonadas — e que todos deviam pedir ao Senhor o nosso regresso.

O ofertório foi uma festa! O abraço da paz, uma ternura amorosa e fraterna! E que olhares cândidos! E que cânticos cheios de força e ritmo!

Isto numa pequena sanzala, perto de Maputo.

No fim, agradecei o acolhimento carinhoso e disse-lhes que pelo amor dos «padres da rua» a todas as crianças abandonadas, tínhamos desejo e esperança de voltar. Bateram palmas com muito alegria.

Sinto o olhar amoroso de Deus sobre estas comunidades — fermento certo do novo pão!

D. Maria da Conceição convidou-nos para almoçar: «Minha casa é simples, sou uma professora primária, irmã dum colega do vosso padre Luiz. Conheço e sou amiga da vossa Obra».

Nós, que sim.

Fomos: «Estas meninas são...» — disse, apresentando-as. E veio o canto mais lindo que trago de Maputo:

Meninas a quem a guerra atropelou seus pais. Encontrou-as na rua ao «Deus dará!» «Tenho uma... onde elas cabem... Meu Evangelho ficaria em cacos se eu deixasse estas crianças na rua» — pensou.

E ela as levou consigo e acolheu-as como filhas. Estão lindas, bem educadas e felizes!

Dias depois, o mesmo a um rapaz de oito anos! A ternura que vi na sua cabecita encostada ao seu lado, fez deslizar uma lágrima gostosa no meu coração.

Dolorosos os dias da guerra! Áridos e sedentos os caminhos da fome! Longas e difíceis as dunas da dor! À beira do carreiro pisado e vermelho ficará sempre, luminoso, o brilho desta linda flor!

Padre Telmo



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offset: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 500788898

Deposito Legal n.º 1239

Tragem média, por edição, durante o mês de Março: 73.400 exemplares